

MERCADOS Queda do petróleo e cenário internacional pressionam o câmbio, enquanto Ibovespa fecha em alta de 0,74% com apoio de bancos e mineradoras

Dólar sobe ao maior nível em duas semanas, e Bolsa avança



Marcos Santos / USP Imagens

A moeda norte-americana avançou 0,62% e encerrou o dia cotada a R\$ 5,113, maior valor desde o último dia 13

WELLTON MÁXIMO
Agência Brasil, Brasília

O mercado financeiro terminou o dia ontem em direções opostas. O dólar voltou a subir e atingiu o maior nível em duas semanas, pressionado pela forte queda do petróleo e pelo cenário externo. A bolsa avançou, sustentada por ações de bancos e de mineradoras.

No mercado internacional, o petróleo despencou mais de 6% após sinais de trégua entre Estados Unidos e Irã reduzirem os temores sobre interrupções na oferta global da commodity (bem primário com cotação internacional). O dólar à vista encerrou o pregão vendido a R\$ 5,113, com alta de 0,62%. A cotação está no maior nível desde o último dia 13. Apesar da valorização diária, a moeda norte-americana ainda acumula queda de 0,98% em julho e de 6,86% em 2026.

A desvalorização do real ocorreu na contramão de outros ativos domésticos. A

principal pressão veio do recuo do petróleo, que reduz a atratividade da moeda brasileira por afetar os termos de troca do país, um dos exportadores líquidos do produto. Além disso, o mercado acompanhou a expectativa pela decisão de política monetária do Federal Reserve (Fed), marcada para hoje, e continuou monitorando os efeitos das tarifas impostas pelos Estados Unidos sobre produtos brasileiros, além do cenário político doméstico.

No exterior, o índice DXY, que mede o desempenho do dólar frente a uma cesta de moedas fortes, terminou

Apesar do recuo, o mercado continua atento à situação no Oriente Médio

em leve alta. Enquanto o câmbio refletiu a perda de força das commodities, a bolsa brasileira encontrou suporte no ambiente externo mais favorável ao risco.

O Ibovespa subiu 0,74%, encerrando o pregão aos 175.334 pontos, com volume financeiro de R\$ 19,2 bilhões. O avanço foi liderado pelas ações de bancos e de mineradoras, que compensaram a forte queda dos papéis ligados ao setor de petróleo.

A melhora do humor dos investidores ocorreu após o anúncio de uma pausa nos ataques entre Estados Unidos e Irã, alimentando expectativas de retomada das negociações diplomáticas.

Petróleo despensa
O mercado também continuou atento à expectativa pela reunião do Federal Reserve (Fed, Banco Central estadunidense), que pode sinalizar os próximos passos da política monetária norte-americana. Os contratos internacionais de petróleo registraram forte correção

depois da disparada observada na semana passada.

O Brent, referência para a Petrobras, caiu 6,33%, encerrando o dia a US\$ 85,87 por barril. O WTI, do Texas, recuou 7,50%, para US\$ 82,61. A queda foi motivada pelo anúncio de uma pausa nos ataques dos Estados Unidos contra o Irã e pela perspectiva de retomada das negociações diplomáticas entre os dois países.

O presidente estadunidense, Donald Trump, afirmou que Washington mantém conversas com Teerã e indicou haver possibilidade de um acordo, reduzindo temporariamente o prêmio de risco embutido nas cotações da commodity.

Apesar do recuo expressivo, o mercado continua atento à situação no Oriente Médio. O Estreito de Ormuz segue operando com restrições, e persistem preocupações com a segurança das rotas marítimas utilizadas para o transporte de petróleo, mantendo elevada a volatilidade do produto.

BANCO CENTRAL

Focus reduz previsão da inflação

PEDRO PEDUZZI
Agência Brasil, Brasília

Pela quarta semana consecutiva, o mercado financeiro reduz as expectativas de inflação para 2026 no Brasil. De acordo com o Boletim Focus, divulgado ontem pelo Banco Central, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), a inflação oficial do país, deve fechar o ano em 5,12%.

Na semana passada, a inflação projetada para o ano estava em 5,15%. Há quatro semanas, as projeções para

este índice estava em 5,33%. Para os anos subsequentes (2027 e 2028), as expectativas inflacionárias do mer-

Expectativa do mercado para o IPCA em 2026 caiu para 5,12%, segundo o Boletim Focus

cado financeiro são, respectivamente, de 4,22% e 3,80%. Nos demais indicadores (PIB, Câmbio e Selic), as projeções do mercado se mantêm estáveis há, pelo menos, quatro semanas.

No caso do Produto Interno Bruto, as projeções do mercado financeiro permanecem em 1,99% em 2026. Para 2027 e 2028, o mercado projeta, para a economia, crescimentos de 1,60% e 2%, respectivamente.

Segundo o Boletim Focus, as projeções para o câmbio ao final de 2026 estão es-

táveis há seis semanas, com cotação de R\$ 5,20 para o dólar ao final do ano. Para os anos subsequentes, são esperadas cotações de R\$ 5,28 em 2027; e de R\$ 5,30 em 2028.

A projeção da taxa básica de juros (Selic) para 2026 se manteve em 14% pela quinta semana consecutiva. A taxa atual, estabelecida pelo Comitê de Política Monetária (Copom) do BC em 17 de junho, é 14,25%. Com isso, há expectativa de, pelo menos, uma redução na atual taxa até o final de 2026.

MOBILIDADE

Crédito do Move Brasil é liberado

AGÊNCIA BRASIL

As agências bancárias e instituições financeiras credenciadas começaram a ofertar, ontem, as linhas de financiamento de moto, motoneta, ciclomotor ou bicicleta elétrica produzidos no país, com condições facilitadas pelo programa Move Brasil.

A política pública permite que entregadores ciclistas, motoapps, mototaxistas e motofretistas profissionais acessem financiamento para trocar seus veículos por

modelos novos e mais sustentáveis. Para fazer o pedido de financiamento é necessário já estar cadastrado

Bancos credenciados já oferecem financiamento para motos e bikes elétricas

no programa, por meio da conta gov.br. Também é necessário já ter recebido a confirmação de que é elegível ao Move Brasil, emitida em até 5 dias úteis.

Contratação
Após essas etapas, o trabalhador já pode ir à Caixa, Banco do Brasil ou outra instituição financeira credenciada para análise de crédito e contratação do financiamento. É necessário que o veículo escolhido para financiar seja produzido no Brasil, a partir de 2024.



O Centro voltou. Agora falta você



Divulgação

ANTONIO BARRETTO JUNIOR,
presidente Executivo da Arce
(Associação dos Empreendedores da Rua Chile e Entorno)

Durante muitos anos, discutimos a revitalização do Centro Histórico de Salvador olhando para seus edifícios. Chegou o momento de olhar, antes de tudo, para as pessoas. Os grandes centros históricos do mundo não renascem apenas porque restauram fachadas. Eles renascem quando voltam a fazer parte da rotina de seus cidadãos. É essa mudança cultural que queremos construir na Rua Chile e em seu entorno.

Essa transformação já está em curso. Nos últimos anos, uma convergência de investimentos públicos e privados devolveu protagonismo ao Centro Histórico. A requalificação de espaços públicos, a implantação de equipamentos culturais, a recuperação de edifícios históricos e empreendimentos como o Fera Palace Hotel, o Palacete Tira Chapéu, o Fasano Salvador, a Vila Andrea e o Cine Glauber Rocha, além de projetos de retrofit, hotelaria e moradia, demonstram que o Centro voltou a despertar confiança e atrair investimentos qualificados. Soma-se a esse movimento o fortalecimento da segurança, resultado da atuação integrada da Polícia Militar, da Guarda Civil Municipal e da segurança privada coordenada pela Arce na Rua Chile.

Esse novo cenário abre uma das maiores oportunidades de investimento urbano do Brasil. O Centro Histórico reúne condições únicas para novos empreendimentos de hotelaria, moradia, gastronomia, comércio de experiências, economia criativa, escritórios, educação, saúde, tecnologia, cultura, entretenimento e serviços especializados. Cada imóvel recuperado representa mais do que um investimento imobiliário: é a possibilidade de gerar empregos, impulsionar negócios, atrair moradores e consolidar um ambiente vibrante em uma região privilegiada entre a Baía de Todos-os-Santos e o coração administrativo de Salvador.

A grande oportunidade, porém, não está apenas nos imóveis. Está na reconstrução do sentimento de pertencimento. Nossa maior concorrência nunca foi um shopping center ou um novo bairro. Foi a ideia, construída ao longo de décadas, de que o Centro Histórico já não fazia parte da vida dos soteropolitanos.

Precisamos inverter essa lógica. Queremos que as pessoas voltem ao Centro para tomar um café, encontrar amigos, trabalhar, morar, investir, assistir a um concerto, jantar, caminhar sem pressa e criar novas memórias. Porque uma cidade não se revitaliza apenas quando restaura seus prédios. Ela se revitaliza quando as pessoas voltam a criar vínculos com eles.

A Rua Chile representa onde Salvador começou. Agora, pode representar também onde Salvador volta a se encontrar consigo mesma. O Centro voltou. E o próximo passo dessa transformação depende de todos nós.

É esse reencontro que fará do Centro Histórico de Salvador um dos mais inspiradores exemplos brasileiros de revitalização urbana, desenvolvimento econômico e orgulho de cidade.